

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/multi.v28i69.3784>
Recebido em: 09/08/2022; aprovado para publicação em: 28/03/2023

Resposta do Sr. Hooker à súplica do Sr. Travers feita para o Conselho¹

Mr. Hooker's answer to the supplication that Mr. Travers made to the Council

La respuesta del Sr. Hooker a la súplica que el Sr. Travers hizo al Consejo

Victor Hugo de Oliveira Marques¹
Thiago Müller da Silva²

¹Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre e graduado em Filosofia pela UCDB. Docente e coordenador do Curso de Filosofia da UCDB. **E-mail:** rf4456@ucdb.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-4366-6596>

²Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pós-graduado em Marketing e Comportamento do Consumidor pela Universidade de Araraquara. Graduado em Publicidade e Propaganda pela UCDB. Atualmente, é docente da UCDB, no curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), e docente da Faculdade Estácio de Sá, unidade Campo Grande (FESCG). Secretário da Revista Psicologia e Saúde do PPGP-UCDB e membro do Conselho de Ética em Pesquisas da UCDB. **E-mail:** rf3013@ucdb.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7705-642X>

¹ A revisão textual é de responsabilidade dos autores, por se tratar de uma tradução e pela escrita ser rebuscada e erudita, conforme a época em que o texto original foi escrito.

1 SOBRE A TRADUÇÃO

O texto em questão, “*Mr. Hooker’s answer to the supplication that Mr. Travers made to the Council*”, faz parte de uma série de textos conhecidos como “A disputa do Templo”. Ela não é uma *Opus Magnum*, nem possui o desenvolvimento significativo ou maduro do pensamento de Richard Hooker. Sua importância está no que Keble (1888, p. 11, tradução nossa) comenta:

Se as obras de Hooker fossem organizadas a partir de sua composição (um curso que é preferível a qualquer outro, pois ofereceria a visão completa do progresso da própria mente do autor e quaisquer modificações pelas quais suas opiniões teriam se sujeitado) os Sermões a respeito às controvérsias com Travers, 1585-1586, seriam naturalmente os primeiros. Pois essa controvérsia não apenas precedeu as *Laws of Ecclesiastical Polity* no tempo, mas atualmente deu a primeira ideia e impulso da grande obra².

O Reverendo e comentador de Hooker, John Keble, concorda com o biógrafo clássico Izaak Walton, que afirma que a “[...] disputa no Templo levou imediatamente ao ‘design’ do Tratado de Hooker [... isso se confirma ...] por uma passagem no ‘Sermão sobre o orgulho’, que parece, por evidência interna, seguir a mesma linha pertencente ao discurso censurado por Travers” (Keble, 1888, p. 11)³.

Todo o debate com Travers (incluindo os Sermões de Hooker nessa ocasião e a Petição de Travers), segundo o relato de Keble, parece ter sido publicado uma primeira vez por Jackson, sob a supervisão de Spencer, no século XVI (por volta de 1612-13 em Oxford). A resposta de Hooker, contudo, felizmente, pode ser revisada a partir de um manuscrito em bom estado

² “If Hooker’s works were arranged in the order of their composition, (a course which is so far preferable to any other, as it gives the completest view of the progress of the writer’s own mind, and any modifications which his opinions may have undergone,) the Sermons relating to the controversy with Travers, 1585-6, would naturally come first in order. For that controversy not only preceded the *Laws of Ecclesiastical Polity* in order of time, but actually led to the first idea and undertaking of the great work”.

³ “[...] dispute in the Temple led immediately to the design of Hooker’s Treatise, is incidentally confirmed by a passage in the Sermon on pride, which appears from internal evidence to have been a subsequent part of the same course, to which the discourses censured by Travers belonged”.

coletado pelo Arquidiácono Dr. Cotton, que o descobriu e o copilou entre as relíquias do Arcebispo Ussher no *Trinity College*, em Dublin. Inicialmente, por não ter certeza de sua autenticidade, Cotton apenas o nomeou como “Sermão”.

A cópia usada para essa tradução foi uma edição digitalizada pela *Liberty Fund, Inc*⁴. e disponibilizada na *The Online Library of Liberty*⁵, em 2011. Essa edição corresponde à 7ª da obra *The Works of that Learned and Judicious Divine Mr. Richard Hooker with an Account of His Life and Death by Isaac Walton*, organizada pelo Revdo. John Keble e revisada pelos Revdos. R. W. Church e F. Paget, do ano de 1888, e impressa pela Universidade de Oxford. Ela está dividida em três volumes (cada um correspondendo a um arquivo de PDF). O texto em questão é o terceiro. A escolha do texto é dupla: primeiro porque essa faz parte do domínio público, o que facilita com as questões autorais; segundo, é uma versão (uma cópia) que mantém, em alguma medida, o critério de antiguidade requerido para as análises que se seguem.

Embora esteja disponibilizada publicamente, essa edição mantém a originalidade dos textos de Hooker, ao conservar a linguagem do inglês arcaico do século XVI. O leitor vai perceber que, tanto na forma como no conteúdo, sua estilística conserva o modo medieval, sem perder as intuições adventícias do estilo humanista do Renascimento. Portanto, é comum encontrar: períodos longos e complexos, palavras grafadas em sua escrita antiga (essas aparecem em itálico e negrito), retóricas bem fundamentadas, bem como muita erudição e rebuscamento. A lógica formal é, a todo momento, requerida como fundamento de validade argumentativo. Em outras palavras, os mais acostumados leitores do inglês moderno teriam dificuldades de compreender, não apenas pelo conteúdo teológico e filosófico de um período específico da humanidade, mas também pelo seu modo retórico de escrever.

O conteúdo encontrado não seria diferente de uma magnífica *Disputatio* Escolástica, embora o texto não procure ser tão eloquente quanto

⁴ *Liberty Fund, Inc.* é uma fundação educacional privada estabelecida para encorajar o estudo do ideal de uma sociedade de indivíduos livres e responsáveis.

⁵ Disponível em: <https://oll.libertyfund.org/>.

as grandes obras desse período. Com efeito, nesse opúsculo, tem-se uma boa ideia do que seria sua obra-prima e da profundidade dos argumentos que estavam por vir. Questões como: deveres do culto, doutrina da justificação e da predestinação, imaculada concepção de Maria, entre outros, aparecem, muito brevemente, mas já demonstram sua relevância para a discussão teológica da Igreja da Inglaterra e para a História da Religião Cristã, em especial para a Reforma Protestante. Ademais, é nesse texto também que o argumento da eleição da razão como autoridade teológica aparece claramente, o que caracteriza Hooker como fundador da tão polêmica “via média” anglicana.

No que tange à tradução, procurou-se ser o mais fiel ao texto, a fim de conservar, dentro do possível, a beleza da estilística retórica do autor. Por outro lado, o rebuscamento e a erudição poderiam prejudicar em muito uma tradução meramente literal, o que obrigou uma tradução que também procurasse facilitar a intuição do sentido do texto. Sendo assim, embora as semânticas puderam ser preservadas dentro de seu estilo formal, algumas interpretações e adaptações tiveram de ser incluídas. No texto original, ainda, foram conservadas as notas de rodapé organizadas por Keble – que tanto prestam para um estudo comparativo de edições quanto como comentário explicativo. Alias, é notável as comparações feitas por Keble com respeito às várias edições do texto. Seu trabalho minucioso e sutil de variações de termos impressiona qualquer estudo comparado. Na tradução, apenas se mantiveram as notas explicativas traduzidas.

Como não encontrada outra tradução desse texto, para frutíferas comparações, acredita-se que essa seja a primeira em língua portuguesa. Isso significa que essa possa ter considerado ou desconsiderado alguma questão. Porém, como seu objetivo é justamente para estudiosos de Filosofia e Teologia, a crítica é sempre bem-vinda. De modo tal que a tradução procura: dar a conhecer aos estudiosos desse período um texto que nada é lateral; colocar nas mãos de religiosos e religiosas uma relíquia da História do Cristianismo; e permitir que as comunidades anglicanas de fala lusófona apreciem uma de suas mais proffcuas fontes de riquezas.

2 RESPOSTA DO SR. HOOKER À SÚPLICA DO SR. TRAVERS FEITA PARA O CONSELHO⁶

2.1 A Meu Senhor de Canterbury, Sua Graça⁷

O meu dever, na mais humilde recordação, que Vossa Graça compreenda que, embora tenha havido uma controvérsia tardia levantada no Templo, e perseguida pelo Sr. Travers, presunçosamente tomado por algumas palavras por mim proferidas com um significado muito simples e inofensivo; no calor do qual a perseguição, após três investidas públicas⁸, sendo-lhe ordenado o silêncio por autoridade, apresentou em seguida para defesa dos seus procedimentos, ambos apresentaram os honrados Senhores e outros do conselho privado de Sua Majestade com um escrito e também fizeram ou sofreram o mesmo para ser copiado e espalhado pelas mãos de tantos, que quase todos os tipos de homens o têm agora nos seus seios⁹; os assuntos com os quais sou acusado são de tal qualidade como eles são, e sendo eu mais bem conhecido de Vossa Graça do que de qualquer outro dos seus Meritíssimos, escolhi oferecer às mãos de Vossa Graça uma declaração clara da minha inocência, em todas as coisas com as quais sou tão dura e fortemente acusado, para que se eu ainda permanecer em silêncio, o que faço por uma questão de tranquilidade, não seja tomado como um argumento de que me falta o que falar verdadeira e justamente em minha própria defesa.

⁶ O texto se encontra na 7ª Edição de 1888 das Obras Completas do Erudito e Judicioso Teólogo Sr. Richard Hooker, com uma consideração de Sua Vida e Morte escrita por Isaac Walton, organizada pelo Rev. John Keble e revisada por Rev. R. W. Church e Rev. F. Paget. [Nota dos Tradutores, doravante, aparecerá apenas: N. do T.].

⁷ É observável que, enquanto Travers suplicava ao Conselho, Hooker faz sua réplica endereçada ao Arcebispo somente. [Nota do Editor (J. Keble), doravante aparecerá apenas N. do E.].

⁸ Três sermões em três domingos consecutivos. Cf. *Travers' Supplic*, p. 560 [N. do E.].

⁹ Exemplos do uso de “*bosom*” (seios), E. B. iv. 118. “Sr. Gilpin tirou a luva e a colocou acima de *seu peito*”, *Ibid*, iii, 490. “Com aquilo, ele (Cranmer) arrancou de *seu peito* suas duas cartas”, *Ibid*, 601. “Pondo sua mão em *seu peito*, ele expressou publicamente sua oração” [N. do E.].

1. Primeiro, porque o Sr. Travers considera oportuno criar uma opinião na mente dos homens, de que a raiz de todos os acontecimentos inconvenientes que agora surgem é a disposição rude e pouco pacífica do homem com quem ele tem de fazer; por conseguinte, o primeiro na hierarquia das acusações feitas contra mim é a minha inconformidade, que tão pouco se inclinou para tantas e tão sérias exortações e conferências, como eu próprio, diz ele, posso testemunhar ter sido gasto em mim, pela minha melhor correspondência e acordo.

2. De fato, quando no início, por meio de pessoas de boa vontade especiais, sem qualquer fato meu, como bem sabem, (embora eu não pense que tenha sido um pecado mortal, de uma forma razoável, ter manifestado um desejo moderado dessa forma¹⁰), mas quando pelo seu esforço sem a instigação do meu, alguns reverendos e honrados, que me afetaram favoravelmente, tinham conseguido a concessão do lugar a Sua Majestade de uma “oportunidade”¹¹; no preciso momento em que entrei ali, na noite anterior à minha primeira pregação, ele veio, e dois outros senhores juntaram-se a ele no comando desta igreja (pois assim ele me deu a entender) embora não no mesmo tipo de comando com ele: o efeito da sua conferência foi então, que ele pensou ser seu dever aconselhar-me a não entrar com uma mão forte, mas a mudar o meu propósito de pregar ali no dia seguinte, e ficar até que ele me tivesse avisado a congregação, para que a sua aprovação pudesse selar a minha vocação. O efeito da minha resposta foi que, tal como no lugar onde tal ordem está, eu não a quebraria; por isso aqui, onde nunca estive, poderia não ser eu próprio a tomá-la por base: mas gostando muito bem da moção, pela opinião que eu tinha do seu bom sentido quem a fez, pediu-lhe que não desgostasse da minha resposta, embora não correspondesse à sua mente.

3. Quando isto desagradou tanto a alguns, que tudo o que depois foi feito ou falado por mim ofendeu o seu gosto informações furiosas eram enviadas diariamente, inteligência dada de longe, o que um inimigo perigoso se infiltrava; o pior que o ciúme podia imaginar era falado e escrito a tantos, que ao longo do tempo alguns me conheciam bem e,

¹⁰ Cf. E. P. V. lxxvii. 14 [N. do E.].

¹¹ O manuscrito diz: “*place*”, optamos por Oportunidade [N. do T.].

percebendo o quão injuriosos eram os relatórios, que cada vez mais se tornavam cada vez mais desacreditados, forjaram meios para trazer o Sr. Travers e eu para uma segunda conferência. Quando um amigo comum a nós dois nos tinha pedido silenciosamente que ele dissesse aquelas coisas com que se sentia de alguma forma lesado, ele primeiro renovou a memória da minha entrada nesta acusação apenas em virtude de uma criatura humana (pois, assim, a falta daquela formalidade¹² de subsídio popular foi então censurada); e a isto foi anexado um catálogo, em parte de suposições sem causa, como se eu tivesse conspirado contra ele e que eu tivesse procurado superioridade sobre ele; e em parte de faltas, que, para notar, deveria ter pensado que seria uma ofensa maior do que cometer, se as tivesse contabilizado, e as tivesse ouvido tão curiosamente observadas em qualquer outra coisa que não eu, são coisas tão parvas; como rezar apenas na entrada dos meus sermões, e não no fim¹³, nomear bispos na minha oração, ajoelhar-me quando rezo, e ajoelhar-me quando recebo a Comunhão, com coisas semelhantes, que eu seria tão traiçoeiro a recitar, como lamento ouvi-los opor-se, se o seu ensaio não fosse por ele assim arrancado de mim. Estas são as conferências com as quais tenho sido cortejado para entreter a paz e o bom acordo.

4. Quanto às exortações veementes de que ele fala, gostaria de saber alguma razão pela qual ele as achou necessárias para serem usadas. Será que se encontrou alguma coisa nos meus discursos ou negociações, que¹⁴ lhes deu ocasião, que são estudiosos da paz, de pensar que eu me dispus a algum tipo de procedimento inquieto? Certamente a providência especial de Deus que agora vejo foi que as primeiras palavras que proferi neste lugar deveriam fazer com que a primeira coisa de que sou acusado

¹² Tinha sido uma mera formalidade para mim naquele lugar, onde, como nenhum homem jamais o havia usado antes de mim, ele não poderia me favorecer se eu o usasse, nem me impedir se eu não o fizesse.

¹³ Bispo Saunderson, Pref. a Ussher sobre o poder do príncipe, § 19. “Os ministros daquele partido, em suas orações antes e depois do sermão, geralmente não se mostram excessivamente estudiosos da brevidade.” No Livro de Oração de Genebra, há formas ou espécimes de orações a serem usadas após o sermão, todas de maior extensão do que antes do sermão. Veja Phoenix, ii. 217, 20, 24.

¹⁴ “that” E.

não só fosse falsa, mas improvável, a tantos quantos me ouviram então com ouvidos indiferentes, e não duvido que nas suas consciências me ilibem desta suspeita. No entanto, concedo que isto não foi nada, se é que se pode dizer, que os meus atos posteriores não foram adequados às minhas palavras. Se eu tivesse falado de paz no início e depois procurasse molestá-lo e entristecê-lo, atravessando-o na sua função, invadindo-o, se o meu prazer não fosse pedido e a minha vontade obedecida nos mínimos acontecimentos, acariciando desnecessariamente, por vezes à maneira do seu ensinamento, por vezes nisto, por vezes naquele ponto da sua doutrina; poderia então, com alguma probabilidade, ter sido culpado, como se desdenhasse uma mão pacificadora quando esta tivesse sido oferecida. Mas se eu for capaz agora (como sou) de me provar que, durante um ano inteiro juntos, suportei a continuação de tais negócios, não apenas sem qualquer forma de resistência, mas também sem qualquer queixa que o pudesse deixar ou dificultar o seu curso; não vejo nenhuma causa no mundo, por que razão deveria ser acusado, a menos que seja, para não acusar, o que eu queria dizer não. Se, portanto, lhe dei ocasião de utilizar conferências e exortações à paz, se, quando me foram concedidas, as desprezei, não será difícil mostrar uma palavra ou um ato com o qual me tenha desentendido: uma não é grande coisa, eu só preciso de uma. Só peço se alguma coisa for mostrada que possa ser provada e não apenas contestada, pois, isto é, “que me juntei a tais que sempre se opuseram a qualquer boa ordem nesta igreja, e se fizeram pensar que estavam indispostos ao presente estado e procedimentos”. As palavras fazem referência, como parece, a algumas dessas coisas, como sendo tentadas antes da minha vinda ao Templo, não foram tão eficazes, talvez, como aquele que as concebeu teria desejado. Uma ordem, como aprendi, foi dada, que os comunicantes não se deviam ajoelhar, como na maioria dos lugares do reino¹⁵; nem se sentar, como neste lugar é o costume; mas caminhar para um lado da mesa, e lá, de pé até terem sido recebidos, passar depois para o outro lado¹⁶. O que de repente começou

¹⁵ Anúncios do arcebispo Parker, 1564; em Strype, Park. iii. 88. “Item, que todos os comunicantes recebam ajoelhar-se, e não sentado, ou em pé” [N. do E.].

¹⁶ “Não sei como, — nossa carruagem, muitos de nós, está tão solta; cobertos nos sentamos;

a ser praticado na igreja, alguns sentaram-se e perguntaram-se o que deveria significar, outros deliberaram o que fazer: até ao momento em que um deles foi chamado abertamente para lá, pediu que fizessem o que estavam habituados; o que foi concedido, e como o Sr. Travers tinha ministrado a palavra à sua maneira, então um pároco auxiliar foi enviado para ministrar à maneira dele. Que começo imprudente de uma coisa (poupando apenas para o inconveniente de alterações desnecessárias, senão inofensivas) fez tal desgraça que a ordem, na sua presunção, que teve de permitir ou não o permitir, não teve lugar. Pois nem eles poderiam alguma vez induzir-se a pensar bem e isso ofendeu tanto o Sr. Travers que supôs que era o melhor que, desde então, embora se contentasse em recebê-lo como eles o fazem às mãos dos outros, ainda não pensou que alguma vez o recebessem da sua parte, o que não admitiria essa ordem de recebê-lo e, por isso no meu tempo, estive sempre presente não para ministrar, mas apenas para ser ministrado.

5. Outra ordem ali foi igualmente concebida, uma ordem de muito mais peso e importância. Este solo, em relação a certas imunidades e outras especialidades que lhe pertencem, parecia susceptível de suportar aquilo que noutros lugares do reino de Inglaterra não se toma. Por cuja causa foi pedido a alguns dos membros do Conselho Privado de Sua Majestade, que, embora previsto por um estatuto, houvesse colecionadores e homens laterais nas igrejas, coisa que, ou de alguma forma a ela correspondia, este lugar desejava muito, agradeceria às suas Excelências que o assunto fosse apresentado aos Anciãos do Templo. E, de acordo com a sua honrosa forma de ajudar a encaminhar todas as moções tão fundamentadas, eles escreveram as suas cartas, como fui informado, para esse efeito. Embora estas Câmaras nunca tenham recorrido a colecionadores e homens de lado como os que são nomeados noutros lugares, ambas ergueram uma caixa para receber a devoção dos homens pelos pobres, nomeando o tesoureiro de ambas as Casas para se encarregar garantir onde for necessário; e ainda que, se alguma delas pudesse ser intentada (como no final algumas o foram) para empreender o trabalho

sentados oramos; em pé, ou caminhando, ou conforme nos leva na cabeça, recebemos". Bp. Sermões de Andrewes, fol. 549, pregado no dia da Páscoa de 1621. [N. do E.].

de observar a negligência dos homens nos deveres divinos, deveriam ser autorizadas, suas queixas ouvidas em todos os momentos e as faltas de que se queixaram, se a advertência particular do Sr. Travers não servisse, então por algum outro meio, mas de acordo com as antigas ordens recebidas de ambas as Casas. Por isso, o conteúdo das cartas de honra foi de fato plenamente satisfeito. No entanto, porque o Sr. Travers não pretendia isto, mas como parece, outra coisa; portanto, não obstante as ordens que foram tomadas, e por qualquer coisa que eu saiba, permanecem paradas com tanta força nesta igreja agora como em qualquer momento até agora, ele queixa-se muito de que as boas ordens que ele quer dizer têm sido suportadas. Agora era difícil, se tantos como qualquer outro onde se oponham a estas e a ordens semelhantes, na sua persuasão boa, se tornassem assim antipatizantes do estado atual e dos procedimentos. Se aqueles a quem ele aspira se fizeram pensar de outra forma, é provável que ele saiba a quem pertença e espero revelar a quem pertença, tanto as pessoas a quem ele pensa, como as causas pelas quais ele as considera tão mal tratado. Mas sejam quais forem os homens, suas faltas me fazem defeituoso? Eles concordam, mesmo que eu me junte a margem. Peço-lhe, portanto, que declare onde me juntei a eles. Para além desta união com qualquer homem aqui, não consigo imaginar: pode ser que tenha falado, ou andado, ou comido, ou utilizado perduravelmente os deveres da humanidade comum, com alguns dos quais ele dificilmente é persuadido. Pois, não conheço nenhuma lei de Deus ou do homem, por força da qual devam ser como pagãos e publicanos para mim, que não são graciosos aos olhos de outro homem, talvez sem causa, ou se com causa, ainda assim, causa de que ele tenha conhecimento, e não eu. Poderia ele ou qualquer homem razoável pensar que é um curso caridoso em mim, observá-los que mostram por cortesias externas uma inclinação favorável para com ele, e se eu espiar qualquer um entre eles de quem penso que não está bem, então, para fazer uma acusação como está contra ele, e oferecê-la onde ele desistiu da sua contra mim? que, não obstante reconhecerei ser justo e razoável, se ele ou qualquer homem que viva deve mostrar, que uso tanto como a companhia familiar nua, mas de um, que por palavras ou atos me deu alguma vez motivo para suspeitar ou conjecturar, tal

como aqui são chamados, com quem se queixa que eu me junte. Sendo isto, dito e escrito sem qualquer possibilidade de prova, não me dará o Sr. Travers uma razão demasiado grande para ficar de pé com algum medo, para que ele não faça muito pouca consciência de como usa a sua língua ou caneta? Estas coisas não são colocadas contra mim por nada; são para alguma finalidade se tiverem lugar. Pois numa mente persuadida de que sou como ele me decifra, uma mente que se recusa a estar em paz com os que abraçam a verdade, e me coloca do lado de homens sinistramente afetados por ela, qualquer coisa que deva ser dita sobre a insensatez da minha doutrina não pode escolher, mas ser favoravelmente entretida. Isto pressupôs, terá probabilidades suficientes que se seguirão, que “muitos dos meus sermões provaram de algum fermento azedo ou outro”, que neles ele “descobriu assuntos diversos e infundados”. Uma coisa a lamentar, que um lugar como este, que poderia ter sido tão bem previsto, tenha caído nas mãos de alguém não melhor instruído na verdade. Mas e se no final se descobrir que ele julga as minhas palavras, como fazem as cores, que as olham com óculos verdes e pensam que o que veem é verde, quando de fato é verde, quando, de fato, veem.

6. Tocar no primeiro ponto da sua descoberta, que é sobre a questão da predestinação, para estabelecer que eu falei, (pois tenho-o escrito) para declarar e confirmar os vários ramos do mesmo, seria agora enfadonho neste escrito, onde tenho tantas coisas para tocar que só posso tocá-las. Também não é tão necessário para mim justificar aqui o meu discurso, quando o próprio lugar e a presença onde falei, falam o suficiente para a minha clareira. Este assunto não foi abordado num beco sem saída, nem proferido onde ninguém o ouvisse ou que tivesse habilidade com autoridade para controlar ou dissimuladamente insinuada por alguma sentença de deslize.

7. O que eu ensinei estava na Cruz de Paulo; não foi amontoado entre outros assuntos, de tal forma que pudesse passar sem ser notado; foi aberto, foi provado, era um tempo razoável. Não vejo de que forma o meu Senhor de Londres¹⁷, que estava presente e a ouviu, pode desculpar uma falha tão grande, pacientemente, sem repreensão ou controlo depois,

¹⁷ Bispo Aylmer: sagrado em 24 de março de 1576-7; falecido em 3 de junho de 1594. Strype.

ouvir qualquer homem ali ensinar senão “a palavra de Deus”, não como é entendida pela interpretação privada de um ou dois homens, ou por uma construção especial recebida em alguns poucos livros, mas como é entendida “por todas as igrejas que professam o evangelho”; por todas elas e, portanto, até pela nossa própria, também entre outras. Um homem que pretendesse provar o que se falava, tomaria certamente a medida das suas palavras mais curta.

8. A próxima descoberta é uma opinião sobre a segurança da persuasão dos homens em matéria de fé. Ensinei, diz ele, “que a certeza das coisas que acreditamos pela palavra, não é tão certa como a que percebemos pelo sentido”. E é tão certa? Sim, ensinei, como ele próprio confio não o negarei, que as coisas que Deus promete na sua palavra são mais seguras para nós do que qualquer coisa que tocamos, manuseamos ou vemos; mas será que estamos tão seguros e certos deles? se estamos, porque é que Deus nos prova tantas vezes as suas promessas, como o faz, por argumentos retirados da nossa sensata experiência? Devemos estar mais seguros da prova do que da coisa provada, senão não é prova nenhuma. Como é que, se dez homens olham todos para a lua, cada um deles sabe tão certamente que é a lua; mas muitos que acreditam numa e nas mesmas promessas, não têm todos a mesma plenitude de persuasão? Quão falhada é a certeza de que os homens, estando seguros de qualquer coisa pelo bom senso, não podem estar mais seguros do que estão; enquanto o mais forte na fé que vive sobre a terra, tem sempre necessidade de trabalhar, e lutar, e rezar, para que a sua certeza em relação às coisas celestiais e espirituais possa crescer, aumentar, e ser aumentada?

9. O sermão em que falei em grande parte deste ponto, foi, muito antes desta última controvérsia surgir entre ele e eu, a pedido de alguns dos meus amigos vistos e lidos por muitos, e entre muitos, alguns que se pensa serem capazes de discernir; e nunca ouvi dizer que qualquer um deles até agora o tenha condenado como contendo matéria infundada. O meu caso foi muito duro, se tão frequentemente como qualquer coisa que eu falo desagrada-me¹⁸ o gosto de um homem, a minha doutrina sobre a sua única palavra deve ser tomada como fermento azedo.

¹⁸ “displeasing” E.F.

10. O resto desta descoberta é tudo sobre o assunto agora em questão, em que ele tem dois defeitos predominantes, que cansariam qualquer um que respondesse a cada ponto de forma variada: o desajustado fala de controvérsias escolares; e das minhas palavras, por vezes, uma recitação tão perversa, que aquele que deveria prometer desenhar o semblante de um homem, e de fato expressou as partes, pelo menos a maior parte delas, verdadeiramente, mas perversamente colocá-las, não poderia representar uma visão mais ofensiva, do que para mim o meu próprio discurso me parece em alguns lugares, como ele ordenou. Para responder a isso, que escrever é suficiente, em que eu estabeleci tanto as minhas palavras como o meu significado de tal forma, que onde esta acusação deprava uma, e, ou interpretava mal, ou sem apenas causar mal como a outra, pareceria tão claramente, que eu poderia muito bem poupar-me a assumir aqui um novo e desnecessário trabalho.

11. Só há uma coisa que pode ser encontrada, porque aqui o Sr. Travers parece tirar uma vantagem tão especial, como se o assunto fosse incontestável, ele constrange-me a detectar a sua omissão, ou a confessar a minha própria omissão nela. Ao colocar a questão entre a Igreja de Roma e nós sobre graça e justificação, para que eu não lhes dê uma ocasião de dizer, como é comum, que quando não podemos refutar as suas opiniões, propomos a nós próprios tal em vez das suas, como podemos refutar; tomei-a pela melhor e mais perspicaz forma de ensinar, para declarar primeiro até que ponto estamos de acordo, e, depois, para mostrar o nosso desacordo; não em geral (como o Sr. Travers, as suas palavras¹⁹

¹⁹ Suas palavras são * estas: “No próximo sábado após este, o Sr. Hooker manteve o caminho em que havia entrado antes, e dedicou toda a sua hora e mais apenas à questão † que ele havia movido e mantido. Nisso ele expôs o acordo da Igreja de Roma conosco, e sua discordância de nós, como se tivéssemos consentido nos pontos maiores e mais importantes, e diferíssemos apenas em alguns assuntos menores. Essa concordância observada por ele em dois pontos principais não é a que ele teria feito os homens acreditarem: aquele, em ‡ que ele disse, eles reconhecem todos os homens pecadores, até mesmo a Santíssima Virgem, embora alguns deles a libertassem do pecado: pois o concílio de Trento sustenta que ela estava livre do pecado: outro no que ele disse, eles ensinam a justiça de Cristo como a única causa meritória de tirar o pecado, e diferem de nós apenas na aplicação dele. Pois Tomás de Aquino, seu principal escolar, e o arcebispo Catharinus, ensinam que Cristo tirou apenas o pecado original e que o resto deve ser levado por

levá-lo-iam, pela fixação mais fácil daquilo sobre mim, com o qual, salvo apenas por ele, nunca na minha vida fui tocado); mas apenas sobre a questão da justificação; pois mais longe eu não tinha motivos para me intrometer naquela altura. Qual foi então a minha ofensa neste caso? Fi-lo, como ele diz, e assim o expus como se tivéssemos consentido nos pontos maiores e mais pesados, e diferimos apenas em questões menores. Não se encontrará, quando chegar ao equilíbrio, uma ligeira diferença quando discordamos, como eu reconheci que sim, sobre a própria essência do medicamento, através do qual Cristo cura a nossa doença. Será que fiz um acordo nos pontos mais importantes, e será que gostei tanto que não escondi a nossa discordância a este respeito? Gostava que lhes fosse usada alguma indiferença por aqueles que levaram a cabo a pesagem das minhas palavras.

12. Sim, mas o nosso acordo não é que em dois dos principais pontos, como eu gostaria que os homens acreditassem que é: e quais são eles? O primeiro é, disse eu, “Eles reconhecem todos os homens pecadores, mesmo a Santíssima Virgem, embora alguns deles libertassem-na do pecado”. Colocando o caso que afirmei, que apenas alguns deles a libertaram do pecado, e que a tinham dado como a opinião mais atual entre eles, que ela foi concebida em pecado: não diz Boaventura²⁰ claramente, “*omnes fere*”²¹, de uma maneira que todos os homens seguram isto? não traz ele muitas razões pelas quais todos os homens a devem segurar?

nós mesmos: sim, o conselho de Trento ensina que a justiça pela qual somos justos aos olhos de Deus é justiça inerente; que precisa ser de nossas próprias obras, e não pode ser entendido da justiça inerente apenas na pessoa de Cristo, e contabilizado até nós.”

²⁰ Cf. 3 Sent. d. iii. art. i. qu. 2. “A outra posição é que a santificação da Virgem foi o resultado da contração do pecado original; e isso porque ninguém estava livre da culpa do pecado original, mas apenas o filho da Virgem;” citando Rom. lii... “Esse modo de falar é mais comum, mais razoável e mais seguro. Mais comum, digo, porque quase todos sustentam o que a Santíssima Virgem tinha o pecado original, visto que surge da pena múltipla disso... Mais razoável... porque o ser da natureza precede o ser da graça no tempo ou na natureza... Mais seguro, porque está mais em sintonia com a piedade da fé e a autoridade dos santos. t. v. 36. ed. Rom. 1596.

²¹ “quase todos”, fazendo referência à afirmação de Boaventura: “Mais comum, digo, porque quase todos sustentam o que a Santíssima Virgem tinha o pecado original...” 3 Sent. d. iii. art. i. qu. 2. [N. do T.].

foram as suas vozes desde então contadas, e o seu número encontrado mais pequeno que as que a seguram, do que as que seguram o contrário? Que a questão seja então, se posso dizer, se a maioria deles “reconhece todos os homens pecadores, mesmo a própria Virgem Santíssima”. Para mostrar que o seu parecer geral recebido é o contrário, o conselho tridentino é alegado, porventura não tão considerado. Pois se esse concílio a libertou, por determinação resoluto, se a mantém, como diz o Sr. Travers, livre do pecado, então a Igreja de Roma tem de condenar os que defendem o contrário. Pelo que esse conselho sustenta, o mesmo que todos eles fazem e têm de sustentar. Mas na igreja de Roma, quem não sabe, que é uma coisa indiferente pensar e defender um ou outro? Para que este argumento, o Concílio de Trento mantenha a Virgem livre do pecado, logo, é evidente que nenhum deles pode, e, portanto, falso que a maioria deles a reconheça pecadora, ser forçado a derrubar a minha suposta afirmação, se fosse verdade que o Concílio a mantinha. Mas, no final, pode parecer claramente, como não o detém nem o contrário, vou abrir o que muitos concebem do cânone que diz respeito a este assunto. Os pais de Trento perceberam, que se eles definissem este assunto, seria perigoso como quer que ele fosse determinado. Se a libertassem do pecado original, as razões contra eles seriam incontestáveis, o que Boaventura e outros alegam, mas especialmente Tomás²², cuja linha eles seguem tanto quanto possam. Mais uma vez, se resolveram o contrário, deveriam controlar-se noutra coisa, que em caso algum poderia ser alterada. Porque professam não manter nenhum dia santo em honra de uma coisa profana; e a concepção da Virgem honra com uma festa, que não poderiam revogar sem cancelar uma constituição de *Xystus Quartus*. E o que é pior, o mundo poderia talvez suspeitar que, se a Igreja de Roma não o fizesse antes, não lhe seria impossível falhar em outras coisas. No final, cortaram sabiamente o seu cânone por um fio do meio, estabelecendo a festa da concepção da Virgem, e deixando a outra questão em dúvida como a encontraram; dando apenas uma advertência, para que nenhum

²² Cf. 3 Summ. Theol. qu. xxvii. art. 1, 2. [N. do E.] Diz Tomas: “Por onde e racionalmente, cremos que a Santa Virgem foi santificada, antes de nascer, no ventre materno” [N. do T.]

homem tomasse o decreto que pronuncia toda a humanidade originalmente pecadora, por uma sentença definitiva a respeito da Santíssima Virgem. Isto aos meus olhos é claro pelas suas próprias palavras, “*Declarat hæc ipsa sancta Synodus*”²³. Por isso, os nossos compatriotas em Rhemes, mencionando este ponto, estão maravilhosamente atentos, à forma como falam; tocam-no como se fosse um carvão quente²⁴: “Muitos homens piedosamente devotos julgam que a nossa bendita senhora não nasceu nem foi concebida em pecado”. Não é seu desejo falar tão bem das coisas definitivamente estabelecidas nesse conselho. Da mesma forma, descobrimos que o resto, que desde o tempo do Concílio tridentino, fora escrito sobre o pecado original, está neste ponto, na sua maioria, silenciosos ou se poupando muito em seu discurso; e quando falam, ou duvidam do que pensar, ou o que quer que eles própriosensem, teme estabelecer qualquer determinação certa. Se me parece que devo tomar o cânone desse conselho de outro modo que não seja o que eles próprios fazem, que ele o exponha cuja sentença não foi pedida pela última vez nem a sua pena menos ocupada em pousá-lo; refiro-me a Andradius²⁵, que Gregório XIII permitiu claramente confessar²⁶, que se trata de um assunto que não

²³ Cf. Sess. v. Decret. de Peccato Originali, ad fin, 1886. [N. do E.] “O santo sínodo declara essas coisas...”.

²⁴ Annot. em Rom. v. sect. 9. [v. 14. ““ A morte reinou de Adão a Moisés ’, não apenas naqueles que realmente pecaram, como Adão o fez, mas nas crianças que nunca realmente ofenderam, mas apenas nasceram e foram concebidas em pecado, i. e. por terem suas naturezas contaminadas, destituídos de justiça e afastados de Deus em Adão, e por serem descendentes dele. Cristo apenas com exceção, sendo concebido sem a semente do homem: e sua mãe, para sua honra e por sua proteção especial (como muitos homens piedosos e devotos julgam) preservado do mesmo. ”]. [N. do E.]

²⁵ Ou Andradens [N. do T.].

²⁶ Cf. Lib. v. Defens. Trid. Fidei. “Defesa. da fé católica e das mais autênticas, composta por cinco livros, contra as detestáveis calúnias dos hereges, e especialmente do alemão Martin Kemnitii: ilustre autor e R. D. Dieguo Payva d 'Andrada, português, ilustre S. Teol. Doutor”.” Ingolstadt, 1580. lib. v. pars iii. p. 487. “Ninguém deveria realmente se surpreender se houver várias opiniões de homens piedosos e eruditos, seja por testemunhos abertos da Sagrada Escritura, ou pela tradição dos Padres, ou pela definição estabelecida da Igreja; existem várias opiniões de piedosos e homens eruditos; eles estão indignados com aqueles que, quando negam que ela foi concebida sem pecado, pensam que lutam pela dignidade de Cristo, ou que se desesperam que a prerrogativa de Cristo possa ser

exprime nem a evidência da Escritura, nem a tradição dos Padres, nem a sentença da Igreja determinaram; que são demasiado rudes e obstinados, os quais, defendendo uma das opiniões, estão descontentes com eles por quem a outra é mantida; finalmente, que os Padres de Trento não estabeleceram qualquer certeza sobre esta questão, mas deixaram-na duvidosa e indiferente. Agora, enquanto as minhas palavras, que eu tinha posto por escrito antes de as proferir, eram de fato estas: “Embora imaginem que a Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo era para sua honra e pela sua proteção especial preservada limpa de todo o pecado, no entanto no que diz respeito ao resto ensinam como nós, que todos pecaram:” contra as minhas palavras poderiam com mais fingimento abrir exceção, porque muitos deles pensam que ela tinha pecado, exceção que, não obstante, sendo a proposta indefinida e o assunto contingente, não podem aceitar, porque concedem que muitos dos que contam como graves e devotos entre eles pensam que ela era clara de todo o pecado. Mas se o próprio Sr. Travers tomou nota das minhas palavras ou se as tomou por mérito de algum outro homem notando, as tabelas²⁷ estavam erradas onde se observava, “Todos os homens pecadores, mesmo a Santíssima Virgem”; quando o meu discurso era antes, “Todos os homens exceto a Santíssima Virgem”. Para deixar isto; outra falha que ele encontra, que eu disse, “Eles ensinam a justiça de Cristo a ser a única causa meritória de tirar o pecado e diferem de nós apenas na sua aplicação”. Eu disse e faço, “Eles ensinam como nós, que embora Cristo seja a única causa meritória da nossa justiça, mas como um remédio, que é feito para a saúde, não cura sendo feito, mas sendo aplicado; assim, pelos méritos de Cristo, não pode haver vida nem justiça, sem a aplicação dos seus méritos: mas sobre a maneira de aplicar Cristo, sobre o número e o poder dos meios pelos quais ele é aplicado, nós discordamos deles”. Esta nossa discordância em relação a eles é reconhecida.

mantida sem qualquer mancha na Santa Virgem." 489. "Os Padres de Trento não tinham certeza do que havia nessa questão; Pontif. eles anunciaram. " Andrada morreu em 1575. Veja a parte que ele desempenhou no concílio de Trento, Fra Paolo, vi. 30, 44. Sua "defesa" é dedicada a Gregório XIII.

²⁷ Acredito que se refiram aos blocos da prensa, cujos textos eram impressos [N. do T.].

13. O nosso acordo no primeiro é negado para ser tal como eu finjo. Que as suas próprias palavras e as minhas, portanto, sejam comparadas. Andradius não confessa claramente²⁸; “Os nossos pecados são fechados e só os méritos de Cristo abrem a entrada em bem-aventurança?” E Soto²⁹, “É posto por terra, que todos, desde a queda de Adão, obtenham a salvação apenas pela Paixão de Cristo: embora nenhuma causa possa ser eficaz sem se aplicar, assim também nenhum homem pode ser salvo, a quem o sofrimento de Cristo não é aplicado”. Numa palavra, quem não? quando o Concílio de Trento³⁰, ao considerar as causas da nossa primeira justificação, não nomeia nenhum fim senão a glória de Deus e a nossa felicidade; nenhum eficiente senão a sua misericórdia; nenhum instrumental senão o batismo; nenhuma meritocracia senão Cristo; a quem não merecia que lhe tirassem nenhum pecado, mas original não é a sua opinião: a qual ele próprio encontrará, quando tiver examinado bem as suas testemunhas, Catharinus³¹ e Thomas. Os seus jesuítas estão

²⁸ Cf. *Orthod. Except. lib. iii. Explicações Ortodoxas do Livro Décimo*. Colônia, 1564; contra Chemnitz; *Lib. iii. p. 241*. “Se as palavras de Cristo são verdadeiras, às quais ele promete salvação e vida eterna somente àqueles que creram e foram batizados, somente os pecados podem fechar a entrada para a felicidade, mas somente os méritos de Cristo podem abrir; não é suficiente que o sacramento do Batismo tenha a paixão e os méritos de Cristo tão intimamente ligados, que santifique a alma da extinção dos pecados e abra a porta para a felicidade?” [N. do E.]

²⁹ Cf. 4 Sent. dist. 1. quæst. 4. [3.] art. 6. “Supõe-se que tanto os antigos quanto nós, na verdade tudo depois do pecado de Adão, obtemos a salvação por meio do sofrimento de Cristo somente [...]. Mas, uma vez que nenhuma causa pode alcançar seu efeito exceto por meio de sua aplicação, ninguém obtém a salvação exceto por meio da aplicação da mesma paixão” p. 39. Douay, 1613. [N. do E.]

³⁰ Sess. vi. Decr. de Justif. c. 7. Eles são a causa desta justificação; a glória final de Deus e de Cristo e a vida eterna: um Deus eficiente e misericordioso, que limpa e santifica gratuitamente, assinando e ungindo a promessa com o Espírito Santo, penhor da nossa herança; por causa da grande caridade com que amou-nos, com a sua santíssima paixão mereceu para nós a justificação da árvore da cruz e nos deu satisfação com Deus Pai. [N. do E.]

³¹ E. g. *Dialog. de Justif. fol. 74*, “Ele está preso. Você, portanto, nega que a justiça de Cristo é imputada a você? Igreja Católica: Estas são palavras novas e suas, as quais, entretanto, se somos atraídos pelo verdadeiro significado, não devemos nos preocupar em recebê-las. Pois assim nos é imputada a justiça de Cristo, para que por seu mérito possamos ser libertos de nossos pecados anteriores e revestidos de uma nova justiça verdadeira pelo dom sobrenatural de Deus, pelo qual podemos nos tornar verdadeiramente justos

maravilhosamente zangados com os homens de cujas respigas o Sr. Travers parece ter tomado isto; declaram abertamente, dizem claramente, “De todos os católicos não há ninguém que alguma vez o tenha ensinado”, fazem protestos solenes, “Cremos e professamos que Cristo na Cruz satisfaz completamente por todos os pecados, tanto originais como reais³². De fato, ensinam que o mérito de Cristo não tira o pecado real do tipo original; se a sua doutrina tivesse sido compreendida, pelo meu discurso, eu nunca teria sido acusado. Quanto ao Concílio de Trento relativamente à justiça inerente, o que é que aqui se passa? Nenhum homem dúvida, mas eles fazem outra causa formal de justificação do que nós. Em relação a isso, já tive ocasião de dizer que discordamos sobre a própria essência daquilo que cura a nossa doença espiritual. O mais verdadeiro é que o grande filósofo tem: “Cada homem julga bem o que sabe”;³³ e, por isso, até sabermos bem do que julgamos, é um ponto de julgamento manter o nosso julgamento.

14. Assim, muito trabalho a ser gasto na descoberta da doença da minha doutrina, algumas dores, ele leva mais longe para abrir falhas na forma do meu ensino, como que: “concedi a minha hora inteira e mais, o meu tempo e mais do que o meu tempo, em discursos totalmente impertinentes ao meu texto”. O que, se o tivesse feito, poderia ter passado sem me queixar ao Conselho Privado.

diante de Deus”. [N. do E.]

³² “Nenhum dos católicos jamais ensinou assim; mas acreditamos e professamos que Cristo na cruz o satisfaz inteiramente por todos os pecados, tanto originais quanto reais”. Bellarm. *Juízes of Lib. Concor. Um mentiroso*. 18. † [Ele está protestando contra a seguinte declaração na “Concordia” dos Luteranos, 1581. “Havia uma crença adicional de que Cristo satisfaz sua paixão pelo pecado de origem. Ele instituiu uma missa na qual uma oferta foi feita por ofensas mortais e veniais diárias. ”” Isso, que parece ter a intenção de descrever um efeito prejudicial da doutrina romanista, Bellarmine entendeu como descritivo da própria doutrina: e ele a estigmatiza de acordo. “Essa divisão é uma mentira descarada atribuída aos professores católicos, que Cristo satisfaz sua paixão não só pelo pecado original, mas também pela própria missa. para nenhum dos católicos, etc. *Opp. t. vii. col. 604. Colon. 1617*. A cópia de Dublin da resposta a Travers traz aqui a seguinte nota: “Ver Bellarminum no mesmo capítulo, pag. 89. Ele (eu acho) luta com ele neste assunto”. [N. do E.]

³³ Arist. *Ethic. i. 2.*? [N. do E.]

15. Mas eu fiz pior, como ele diz: “deixei a exposição das Escrituras e a minha vocação comum, e discursi sobre pontos e questões escolares, nem de edificação, nem de verdade”. Não li nenhum sermão no Direito ou na Física. E, a não ser que os limites da chamada comum possam ser desenhados como uma bolsa, como são tão mais amplos para ele do que para mim, que ele dentro dos limites da sua chamada comum deveria reprovar que em mim o que ele não entendeu, e eu trabalhando para que tanto ele como outros pudessem compreender, não poderia fazer isto sem renunciar à minha chamada? O assunto de que falei foi tal, como estar no início por mim, mas ligeiramente tocado, ele tinha naquele lugar contradito abertamente, e solenemente tomado sobre ele para refutá-lo. Se, portanto, era uma pergunta da escola e impróprio para ser discutido. Ali, aquilo que estava em mim, mas uma proposta apenas no início, por que razão fez dele um problema? Por que razão o levou primeiro a manter o negativo do que eu tinha dito afirmativamente, apenas para mostrar a minha própria opinião, pensando pouco que alguma vez teria feito uma pergunta? Seja qual for a natureza da pergunta, não pude fazer menos do que me explicar a eles, a quem fui acusado de doutrina infundada; em que se para mostrar o que tinha passado pela ambiguidade errada nas minhas palavras ou mal aplicada por ele nesta causa contra mim, usei as distinções e ajudas das escolas, confio que aqui não cometi nada de ilegal. Estas escolas-implementos são reconhecidas³⁴ por homens sérios e sábios que não são inúteis para terem sido inventados. Os mais aprovados para a aprendizagem e julgamento usam-nos sem culpa; o seu uso tem sido bem apreciado em alguns que ensinaram mesmo neste mesmo lugar antes de mim; a qualidade dos meus ouvintes é tal que não pude deixar de os considerar de capacidade muito suficiente para a maior parte das vezes conceberem com mais afinco do que eu utilizava qualquer outro; a causa que eu tinha em mãos exigia, no meu julgamento, necessariamente que fossem usados; quando as minhas palavras faladas de uma forma geral sem distinções tinham sido pervertidas, que outra forma havia para

³⁴ Calv. Inst. l. i. c. 16. sect. 9. “Vemos que não houve distinções precipitadas nas escolas, a respeito da necessidade relativa e absoluta; da mesma forma as consequências e consequências”.

mim, mas por distinções para as colocar em aberto no seu significado correto, que pudesse parecer a todos os homens se estavam de acordo com a verdade ou não? E embora o Sr. Travers esteja tão incutido na cidade, que pensa que não se deve usar qualquer discurso que saia da escola, no entanto, a sua opinião não é um cânone. Embora, para ele, a sua mente esteja perturbada, o meu discurso parecesse como grilhões e grilhões, no entanto, poderia haver alguns mais calmamente afetados que pensassem o contrário; o seu julgamento privado dificilmente justificará as suas palavras ousadas, que as coisas que eu disse “não eram nem de edificação nem de verdade”. Poderiam edificar algumas outras, para qualquer coisa que ele saiba, e ser verdade para qualquer coisa que ele prove o contrário. Pois não é prova para chorar, “Absurdidades, como as que não se ouvem em lugares públicos nesta terra desde os dias da Rainha Maria”. Se isto lhe veio a sério, lamento vê-lo tão ofendido sem causa; mais lamento, que a sua aptidão seja tão extrema, para o fazer falar que ele não sabe o quê. Que eu não, “não tenha afetado a verdade de Deus, nem a paz da Igreja”, *mihi pro minimo est*³⁵. Não me comove muito quando o Sr. Travers diz isso, o que eu confio que algo maior do que o Sr. Travers irá desmenti-lo.

16. Agora que tudo isto que até agora ele disse lhe seja concedido, que seja como ele quer, que a minha doutrina e a minha maneira de ensinar seja tão rejeitada pelos julgamentos³⁶ de todos os homens como pela sua, qual é tudo isto ao seu propósito? Ele próprio alega que esta é a causa pela qual o traz; os Altos Comissários “acusam-no de indiscrição e de falta de dever, na medida em que ele se insurgiu contra certos pontos da doutrina por mim ensinada como errônea, não conferindo primeiro comigo, nem se queixando disso a eles”. Que faltas? Um mar de coisas como as que até agora ele cometeu, nunca poderá arrancar-lhe. Para evitar cismas e perturbações na Igreja que devem crescer-, se todos os homens puderem pensar o que listam e falar abertamente o que pensam; portanto, por decreto³⁷ acordado pelos bispos e confirmado pela

³⁵ “isso é muito pequeno para mim” [N. do T.].

³⁶ judgment E.F.

³⁷ Nos Anúncios publicados no sétimo ano do reinado de Sua Majestade: “Se qualquer

autoridade de Sua Majestade³⁸, foi ordenado que a doutrina errônea, se fosse ensinada publicamente, não fosse refutada publicamente; mas que a sua notificação fosse dada aos que foram designados por Sua Alteza para ouvir e determinar tais causas. Por violação de que ordem, quando for acusado de falta de deveres, todas as falhas que possam ser amontoadas sobre mim não farão senão uma fraca defesa para ele: como certamente a sua defesa não é muito mais forte, quando ele alega para si mesmo, que: “estava com alguma esperança de que o seu discurso em provar a verdade, e limpar aqueles escrúpulos que eu tinha em mim, poderia levar-me ou a abraçar a sã doutrina, ou a sofrer para ser abraçado pelos outros, que se o fizesse, não precisaria de se queixar;” que “se encontrasse ele deveria primeiro descobrir o que eu tinha semeado e fazer com que se manifestasse como sendo joio. E, depois, desejar que a sua foice o cortasse;” [sic] que a consciência o obrigava a fazer o contrário do que a ordem judicial exige”, que, “ele não estava disposto a negociar daquela maneira pública,

Pregador, ou Pároco, Vigário ou Cura assim licenciado, terá a sorte de pregar qualquer assunto tendente a dissensão ou derrogação * da religião e doutrina recebida, que os ouvintes denunciam o mesmo ao Ordinário, ou ao próximo Bispo do mesmo lugar, mas não † abertamente para contrariar ou impugnar o mesmo discurso proferido de forma desordenada, pelo que pode crescer ofensa e inquietação do povo, mas deve ser convencido e reprovado pelo Ordinário após a ordem agradável que lhe seja conveniente, de acordo com a gravidade da ofensa: e que seja apresentada dentro de um mês após as palavras proferidas.” Isto é encontrado, com algumas diferenças verbais, em Strype, (Park. lii. 86.) como uma das Ordenações acordadas pelo Arcebispo de Canterbury. Mas o preâmbulo afirma que “a Majestade da Rainha [...] tem, pelo consentimento do metropolitano e com alguns outros seus comissários em causas eclesiásticas, decretou certas Regras e Ordens a serem usadas, como a seguir se segue [...] como constituições meramente eclesiásticas”. Este preâmbulo foi posteriormente alterado, em consequência da sanção da Rainha ter sido recusada por influência de Leicester: “com o que o Arcebispo ficou muito descontente” (Ibid. 314, 15).

³⁸ Strype, Park. iii. 65. A Rainha Elizabeth endereçou suas cartas ao Arcebispo Parker, datadas de 25 de janeiro de 1564, exigindo que ele conversasse com os bispos de sua província sobre a melhor maneira de reprimir as desordens dos não-conformistas. Ibid. 313–20. “O arcebispo e alguns outros bispos da comissão eclesiástica procederam à compilação de alguns artigos [...] que foram impressos com um prefácio neste ano de 1564 [...] e intitulado Anúncios [...] porque o livro queria a autoridade da Rainha [...] tão prevalente era aquele partido no conselho que não gostava disso [...]. No comprimento [...] essas regras eclesiásticas recuperaram seus primeiros nomes de artigos e ordenanças”. Veja-os na Coleção Sparrow, p. 123.

e desejava que lhe fosse dada uma forma mais conveniente”; que “ele tinha decidido protestar no dia de sábado seguinte, que iria satisfazer de outra forma, tal como deveria exigir e não negociar mais naquele lugar”. Seja imaginado, (que eu não seja tomado como se eu comparasse os infratores, quando não o faço, mas apenas as suas respostas) seja imaginado que um caluniador fez este pedido de desculpas por si próprio; “Não sou ignorante de que se eu tenho apenas um assunto contra qualquer homem a lei está aberta, há juízes para a ouvir, e tribunais onde se deve queixar; Tomei outro rumo contra tal ou tal homem, mas sem violação do dever, na medida em que sou capaz de ceder uma razão do meu ato; concebi alguma esperança de que um pequeno descrédito entre os homens o envergonharia, e que a sua vergonha trabalharia a sua emenda; o que, se o fizesse, outra acusação ali não deveria ser necessária:” poderia a sua resposta ser considerada suficiente, poderia no julgamento de homens discretos libertá-lo de toda a culpa? Já não pode a esperança que o Sr. Travers concebeu para me reclamar por discurso público, justificar a sua culpa contra a ordem estabelecida da igreja.

17. O seu pensamento de que se encontra “deve primeiro descobrir abertamente ao povo o joio que foi semeado entre eles e depois exigir a mão da autoridade para o cortar”, só faz com que se questione se a sua opinião de que isto se encontrava, pode ser um privilégio ou uma proteção contra aquela constituição legal que antes tinha sido determinada como algo não cumprido. Qual a questão que deixo para que discutam quem mais lhes diz respeito. Se a ordem for tal que não possa ser mantida sem pôr em perigo uma coisa tão preciosa como uma boa consciência, o perigo de não poder ser maior para ele do que precisa ser para todos os outros a quem toca em causas semelhantes; quando isto for evidente, será um motivo mais eficaz não só para a Inglaterra, mas também para outras igrejas reformadas, mesmo a própria Genebra (pois, elas têm o semelhante), para mudar ou retirar aquilo que não pode ser observado senão com grande inconveniente. Entretanto, a sua violação poderá ser perdoada, (o que eu desejo verdadeiramente, seja como for), mas dificilmente defendida enquanto se mantiver em vigor e não for cancelada.

18. Agora, enquanto confessa que outra forma tinha “sido mais conveniente”, e que encontrou em si mesmo uma secreta indisponibilidade para fazer o que fez, não diz claramente que a luz do seu próprio entendimento provou a forma como tomou perversa e tortuosa; a razão era tão clara e grave contra ela que a sua mente estava alienada, a sua vontade evitou outro rumo? No entanto, houve algo que até agora foi rejeitado, que tem de ser feito mesmo contra a própria corrente: o que é que este enfeitiçou? Finalmente, o seu protesto intencional, em que ele pretendia abertamente fazer saber que não permitia este tipo de procedimento e por isso satisfaria os homens de outra forma “e, não negociaria mais neste lugar”, mostra a sua mente boa nisto, que ele pretendia manter-se de mais ofensas; mas não serve a sua vez. Ele culpou porque a coisa que tinha feito estava errada e seu argumento foi que eu teria feito depois que tudo tivesse dado bem, antes eu tivesse feito isso.

19. Mas como nisto ele está convencido de que não fez mais nada para além do dever, dificilmente aceita que os Altos Comissários o acusem de indiscrição. Como se ele pudesse assim lavar as mãos, faz uma longa e grande declaração sobre o transporte de si próprio; como ele se apressou em assuntos “de menor peso” e como em coisas de maior “momento”; como lidou com cuidado; como “naturalmente tirou as suas coisas do texto”; como se manteve “próximo da Escritura que tomou em mãos”; quantas dores “tomou para confirmar a necessidade de acreditar na justificação apenas por Cristo”, e para mostrar como “a igreja de Roma nega que um homem é salvo apenas pela fé, sem obras da lei”; o que “os Filhos do Trovão teriam feito” se estivessem no seu caso; que a sua “resposta foi muito moderada, sem discursos imodestos ou reprovadores”; que quando ele poderia “antes que todos me tivessem reprovado”, não o fez, “mas contentou-se em exortar-me” antes de todos “a seguir o exemplo de Natan e visitar a minha doutrina”; quando ele poderia ter seguido o exemplo de São Paulo em “reprovar” Pedro, não o fez, mas exortou-me com Pedro a “resiste a ser resistido”. Este testemunho de que ele se portou discretamente no tratamento do seu assunto, sendo mais agradavelmente enquadrado e dado por outro do que por ele próprio, poderia fazer algo para o louvor da sua pessoa; mas para a defesa da sua

ação para com aqueles por quem ele é considerado discreto por não se ter conferido em privado antes de falar, servirá para responder que, quando falou, o fez com consideração? Ele percebe que não o fará e por isso acrescenta razões como elas são. Como, nomeadamente, a forma como ele se propôs no princípio a tomar outro caminho e que foi este: “publicamente para entregar a verdade de tal doutrina como eu tinha ensinado de outra forma, e na oportunidade conveniente de conferir comigo tais pontos”. Será esta a regra de Cristo, se o teu irmão ofende abertamente seu discurso, controla-a primeiro com discurso contrário abertamente, e confere-a depois com ele, quando a oportunidade conveniente servir? Existe alguma lei de Deus ou do homem que permita fundamentar tal resolução, alguma Igreja existente no mundo onde os mestres são autorizados a fazer ou a ser feitos assim? Ele não pode deixar de ver quão fraca é uma alegação, quando traz na sua sequência este curso, primeiro num assunto e depois *noutro*, para novamente se aprovar a segui-lo, agora. Pois se o próprio objetivo de fazer uma coisa tão pouco caridosa for uma falha, a escritura é uma falha maior; e será que a sua realização, por duas vezes, o torna à terceira vez adequado e permissível? O peso da causa, que é a sua terceira defesa, alivia-o tão pouco. Quanto mais pesada era, mais exigia conferência, conselho e consulta, mais o levava a tomar boa consciência de que nada era feito ou falado de forma precipitada. Mas, ele quis dizer “de peso” em relação ao maravilhoso perigo, exceto que me tinha resistido, sem esperar um momento de conferência. “Sendo esta causa de tal momento que poderia prejudicar a fé de Cristo, encorajar os mal afetados a continuarem ainda nos seus malditos caminhos, e outros fracos na fé a sofrerem para serem seduzidos à destruição das suas almas, ele pensou que era seu dever falar, antes de falar comigo”. Um homem que deveria ler isto e não saber o que eu tinha falado poderia imaginar que eu tinha, pelo menos, negado a divindade de Cristo. Mas eles que estavam presentes no meu discurso e podem testemunhar que nada mais passou pelos meus lábios do que está contido nos seus escritos, os quais, pela solidez da doutrina, da aprendizagem e do julgamento, O próprio Sr. Travers não só permite, ousou dizer, mas honra; aqueles que ouviram e sabem, que a doutrina aqui significou de forma tão temível, a

doutrina que era tão perigosa para a fé de Cristo, que era tão susceptível de “encorajar os homens mal afetados a continuar ainda de formas condenáveis”, que deu tão grande motivo para tremer por medo da presente “destruição das almas”, foi apenas isto; “Duvido que não, mas Deus foi misericordioso para salvar milhares dos nossos pais que viviam até aqui em superstições papistas, na medida em que pecaram ignorantemente”; e isto dito *num* sermão, a maior parte do qual foi contra o papismo; eles dificilmente serão capazes de discernir como o cristianismo deveria ser tão gravemente abalado.

20. Por isso, a sua quarta desculpa também lhe é retirada. Pois o que coloca a dizer: “O tempo era curto em que ele ia pregar depois de mim”, quando a sua pregação sobre este assunto talvez devesse, certamente poderia ter sido ou muito bem omitida, ou pelo menos mais convenientemente adiada por algum tempo, mesmo pelos seus julgamentos que lançam o aspecto mais favorável a estes seus apressados procedimentos. O veneno que os homens tinham tomado em minhas mãos não era tão rápido e forte para ação que precisasse de oito dias para fazê-los passar pela cura; por oito dias de atraso não havia qualquer probabilidade de que a força e o poder da sua fala pudessem morrer; meditação mais longa poderia trazer à mente provas melhores e mais fortes do que a destreza atemporal poderia fornecer-lhe; e quem sabe se o tempo, a única mãe do bom senso e do trato discreto, poderia ter dado aquela ação do seu melhor amadurecimento, que por tão grande festinação³⁹, como uma coisa nascida fora do tempo, trouxe pequena alegria àquele que a gerou? Será que ele pensa que não teria sido melhor que nem o meu discurso tivesse parecido aos seus olhos como uma flecha espetada numa coxa de carne⁴⁰, nem a si próprio como criança, de que ele precisava para ser entregue por uma hora? A sua última forma de se desembaraçar é, lançando a sua carga sobre as minhas costas, como se o tivesse trazido por conferências

³⁹ A festinação é uma tendência a acelerar em paralelo com a perda da amplitude normal do movimento repetitivo (*petit pas*, *micrographia* e fala inaudível). O congelamento é uma quebra de movimento voluntário repetitivo que surge através da festinação ou repentinamente [N. do T.].

⁴⁰ Cf. *Ecclus.* xix. 11, 12, 1886 [N. do E.].

anteriores, por esperança de que qualquer fruto viesse alguma vez a ser conferido comigo. Não sou eu que vou rasgar essas conferências, de que ele não faz senão uma relação escorregadia e solta. Numa delas, a questão entre nós era, se a persuasão da fé em relação à remissão dos pecados, vida eterna, e tudo o que Deus promete ao homem, seria tão livre de dúvidas como a persuasão que temos por sentido em relação às coisas provadas, sentidas e vistas. Pelo negativo mencionei o seu exemplo, cuja fé nas Escrituras é mais elogiada, e a experiência que todos os homens fiéis têm tido de si próprios continuamente. Para prova da afirmativa que ele sustentava, desejava ter alguma razão, só ouvi “todos os bons escritores” muitas vezes inculcados. Ao longo do tempo, a pedido de alguns deles, foram trazidos os Lugares Comuns de Peter Martyr⁴¹, onde as folhas foram recusadas num local que soava a este efeito: “Que o Evangelho torna os verdadeiros cristãos mais virtuosos do que a filosofia moral tornou os pagãos⁴².” que não se aproximou da questão por muitos quilómetros.

21. Na outra conferência ele questionou sobre a questão da reprovação, tendo primeiro confundido que eu tinha chamado a Deus um permissivo, e nenhuma causa positiva do mal, a que os estudantes chamam *malum culpæ*⁴³; segundo que à sua objeção que diz: “Se eu for eleito, faça o que eu quiser, serei salvo”, eu tinha respondido, que a vontade de Deus nesta coisa não é absoluta mas condicional, para salvar os seus eleitos acreditando, temendo, e obedientemente servindo-o; em terceiro lugar, que para parar as bocas de rancor e repúdio contra Deus por rejeitar náufragos, eu tinha ensinado que eles não são rejeitados não no propósito e conselho de Deus, sem que uma previsão do valor da rejeição fosse, embora ainda não há tempo, em ordem antes. Pois se os eleitos de Deus fazem em ordem (como é necessário) pressupõem a previsão do seu ser que são eleitos, embora sejam eleitos antes de o serem; nem

⁴¹ Peter Martyr Vermigli (1500-1562) foi um dos reformadores mais eruditos e sua obra: Lugares Comuns permaneceu uma teologia sistemática influente muito depois de sua morte [N. do T.].

⁴² Cf. Petri Martyris Locorum Communium Cl. I. Cap. ii. §§ 11, 12. Cl. II. Cap. iii. §§ 9, 10. Ed. 1583. 1886. [N. do E.].

⁴³ O mal do pecado ou o mal da culpa [N. do T.].

apenas a previsão positiva do seu ser, mas também a permissiva do seu ser miserável, porque a eleição é por misericórdia, e a misericórdia pressupõe sempre a miséria: segue-se, que os próprios escolhidos de Deus reconhecem ao louvor das riquezas da sua compaixão extremamente livre, que quando ele, na sua determinação secreta, a estabeleceu, “Aqueles viverão e não morrerão”, colocam-se diante dele como espetáculos feios, como leprosos cobertos de estrume e lama, como úlceras putrefatas nos lombos dos seus pais, miseráveis, dignos de serem detestados; e será que qualquer criatura abandonada poderá dizer a Deus: Tu mergulhaste-me nas profundezas e atribuíste-me a tormentos intermináveis apenas para satisfazer a tua própria vontade, não encontrando em mim nada pelo qual eu pudesse parecer tão bem à tua vista digno de sentir chamas eternas?

22. Quando vi que o Sr. Travers se importava com estas coisas, só porque não estavam abertas, prometi, num momento conveniente, torná-las clara como luz, tanto para ele como para todos ⁴⁴os outros. O que, se aqueles que me reprovam não me concedem licença para fazê-lo, devem pensar que são por alguma causa ou por outra mais desejosa de me fazer passar por um homem sem fundamento, do que desejando que o meu sincero significado apareça e seja aprovado. Quando me perguntaram quais eram os meus fundamentos, respondi que as palavras de S. Paulo a respeito desta causa eram os meus fundamentos. A sua próxima exigência, que autor segui ao expor São Paulo e recolher a doutrina das suas palavras, contra o julgamento, diz ele, “de todas as igrejas e de todos os bons escritores”. Estava bem certo de que, para controlar este discurso de alcance excessivo, as frases que eu poderia ter citado das Confissões das Igrejas, juntamente com os melhores monumentos aprendidos de outrora e não os mais maldosos dos nossos, eram em número superior ao que talvez ele tivesse ouvido falar; mas como isso me expulsa? Pois embora ele próprio, em geral, faça muito uso desses discursos formais, “todas as igrejas”, e “todos os bons escritores”: no entanto, tal como ele o mantém no púlpito, os Painims pensam isto, ou os Pagãos isto, mas totalmente ilegais para citar qualquer sentença deles que o diga; por isso,

⁴⁴ Ver depois, App. para E. P. b. v. in vol. ii. 564-576 [N. do E.].

deu-me nessa altura grandes motivos para pensar, que a minha particular alegação das palavras de outros homens para mostrar o seu acordo com a minha, teria desagradado tanto à sua mente, como à coisa em si mesma pela qual eles tinham sido alegados. Pois ele sabe quantas vezes me mordeu em lugar público por isso, embora eu nunca tenha usado em nenhum sermão muitas das sentenças de outros escritores e faço o máximo sem nenhuma; tendo sempre pensado que não se reunia nem para afetar nem para condenar o seu uso.

23. Ele não é ignorante, que na própria entrada da conversa que tivemos em privado na altura, para provar a sua total ilegalidade na pregação, seja para confirmação, declaração, ou de outra forma, para citar qualquer coisa que não seja mera escritura canónica, ele trouxe: “A Escritura é dada por inspiração, e é proveitosa para ensinar, para melhorar”, exortando muito o vigor destas duas cláusulas, “o homem de Deus,” e “toda a boa obra”. Se, portanto, a obra era boa que ele exigiu às minhas mãos, se em privado para mostrar porque é que eu pensava que a doutrina que eu tinha entregado para estar de acordo com o significado de S. Paulo era uma boa obra, será que eles podem tomar o lugar diante de uma lei que condena todo o homem de Deus que ao fazer a obra de pregar de alguma forma usa a autoridade humana, como em mim, se no trabalho de fortalecimento daquilo que eu tinha pregado, eu deveria trazer à tona os testemunhos e as afirmações dos homens mortais? Por isso, eu aleguei que o que não pode, sob nenhuma pretensão no mundo, ser rejeitada, nomeadamente a razão; não significa, portanto, a minha própria razão, como agora é relatada, mas a verdadeira, sã, divina razão; razão pela qual essas conclusões podem estar fora de São Paulo demonstrou e não, provavelmente, apenas discursou; razão própria daquela ciência em que as coisas de Deus são conhecidas; razão teológica, que por princípios da Escritura que são claros, deduz inferências mais duvidosas, de tal forma que não podem ser negadas, nem qualquer coisa repugnante para eles recebida, mas qualquer coisa que antes era de outra forma por uma recolha errada recolhida em lugares mais escuros, é assim forçada a ceder a si própria, e o verdadeiro significado consoante de sentenças não compreendidas é trazido à luz. Esta é a razão que eu pretendia. Se me

fosse possível escapar à férula⁴⁵ em qualquer coisa que fizesse ou falasse, teria, sem dúvida, escapado a ela nisto. Nisto fiz aquilo que por alguns é ordenado como o único permitido, mas concedido por todos como a forma mais segura de resolver as coisas de que duvidava, em assuntos que pertencem à fé e à religião cristã. Para que o Sr. Travers tivesse aqui uma pequena causa, deu-lhe estar cansado de conferir, a menos que fosse *noutros* aspectos que não aquele pobre que está aqui a fingir, ou seja, a pouca esperança que tinha de me fazer algum bem por conferência.

24. No entanto, eis que a sua primeira razão para não se queixar ao Alto Comissariado é que, se eu ofendesse apenas por uma inclinação demasiado caridosa, ele concebia uma boa esperança, quando eu deveria ver a verdade limpa e alguns escrúpulos que estavam na minha mente removida pela sua diligência, eu cederia. Mas que experiência teve de conferências anteriores, quão pequena era a sua esperança de que o fruto delas viesse se ele tivesse conferido, será que algum homem julgará isto uma causa suficiente para abrir a sua boca em público sem uma palavra em privado? Ele poderia ter considerado que os homens por vezes colhem onde semeiam, mas com pequena esperança; poderia ter considerado que embora para mim (de que não estava certo nem ele) mas se para mim o seu trabalho deveria ser como água derramada ou despejada num prato rasgado, no entanto, para ele não poderia ser infrutífero fazer aquilo que ordena nas igrejas cristãs, aquilo que a caridade entre os homens cristãos, aquilo que às mãos de qualquer homem até mesmo a própria humanidade comum, às suas muitas outras coisas além disso, exigia. Que fruto poderia vir do seu aberto contradizer tão apressadamente com tão pequenos conselhos, mas tais como devem ser desagradáveis e misturados com muita acerbidade? Certamente que aquele que se encarregará de defender que nisto não houve qualquer descuido, deve ter cuidado para não deixar, por tais defesas, uma opinião que habita na mente dos homens, que é mais rígida para manter o que fez, do que ter o cuidado de não fazer nada a não ser aquilo que possa ser mantido com justiça.

⁴⁵ Palmatória [N. do T.].

25. Assim, eu, o mais perto que pude, respondi seriamente a coisas de peso: com menor dimensão, lidei como pensei que a sua qualidade exigia. Não tenho qualquer alegria em lutar, não fui aninhado ou treinado para isso. À Cristo, aqueles que me obrigaram a vir aqui, teriam governado as suas mãos em qualquer tempo razoável, que eu nunca teria sido constrangido a atacar tanto como em minha própria defesa. Por isso, para não prosseguir com esta longa e enfadonha contenda, desejo que Vossa Graça e as suas Honras (a cuja inteligência o respeito devido que tenho pelos seus julgamentos me faz desejar que, como foram feitas acusações contra mim, assim está a minha resposta possa também vir) o tenham feito com um e com o outro, como Constantino com os livros que continham questões queixosas⁴⁶. Se isto é conveniente ser desejado ou não, não posso dizer. Mas se não pode haver nada de controverso, a não ser o desperdício mútuo das partes em disputa, até que um inimigo comum dance nas cinzas de ambos, desejo sinceramente que o conselho grave que Constantino deu para a reunião do seu clero, tantas vezes em ocasiões tão pequenas e de uma forma tão lamentável, se tenha dividido, ou melhor, o estrito mandamento de Cristo para que não sejam divididos de todo, podem, se for a sua vontade abençoada, prevalecer até agora, pelo menos neste canto do mundo cristão, para o sepultamento e o esquecimento total da contenda, juntamente com as causas que a criaram ou criaram; que as coisas de pequeno momento nunca as desunam, a quem um só Deus, um só Senhor, uma só Fé, um só Espírito, um só Batismo, bandos de grande força, se uniram; que um olho respectivo para coisas com as quais não devemos ser inquietos não nos faça, como por enfermidade os próprios patriarcas por vezes foram, cheios de fome, incapazes de falar pacificamente com o seu próprio irmão; finalmente que nunca mais se volte a ouvir falar de contendas, a não ser disto, quem mais odiará as contendas, quem perseguirá a paz e a unidade com os ritmos mais rápidos.

⁴⁶ Sozom. i. 17; Theod. i. 11. 1886.

REFERÊNCIAS

CHURCH, R. W.; PAGET, F. (Org.). *The works of that learned and judicious divine mr. Richard Hooker with an account of his life and death by Isaac Walton*. Arranged by the Rev. John Keble MA. [volume I]. 7. ed. Oxford: Clarendon Press, 1888.

KEBLE, J. Editor's Preface. In: CHURCH, R. W.; PAGET, F. (Org.). *The works of that learned and judicious divine mr. Richard Hooker with an account of his life and death by Isaac Walton*. Arranged by the Rev. John Keble MA. [volume I]. 7. ed. Oxford: Clarendon Press, 1888.